

O ritual, cerimônia de katchituran na cidade de Caio

Tania Correia Jaló

Ricardo Cesar Carvalho Nascimento

Resumo

Muito pouco se tem escrito sobre os rituais das etnias da Guiné-Bissau, em particular, do grupo étnico Mandjaco onde ocorre a cerimônia de Katchituran, na cidade de Caio, na região de Cacheu, que será analisada neste artigo. Nesta pesquisa tencionamos compreender quais os usos e sentidos atribuídos ao *pano de pinti*, um tipo de pano bastante popular nas performances ritualísticas das etnias guineenses. Neste sentido, tencionamos analisar as funções dos *panos de pinti* nesta cerimônia, os valores atribuídos a este adereço pela comunidade e, principalmente, compreender a presença do pano na construção das barracas utilizadas durante o período comemorativo. Tencionamos ainda, dar a conhecer as diferentes etapas constitutivas da cerimônia e explicar, de modo mais abrangente, os métodos utilizados na realização e acompanhamento do Katchituran. Na busca etnográfica que realizamos, constam informações colhidas entre os participantes e a mobilização de informações que concernem a pertença e acompanhamento das performances ritualísticas desta etnia.

Palavras chave: Ritual, cerimônias tradicionais, Panos de Pinti.

Introdução

O presente artigo trata da cerimônia (festa) de *katchituran* e, em particular, e tenta problematizar o papel do vestuário, neste caso os panos de *pinti*, no âmbito das performances ritualísticas da etnia Mandjaco. Este trabalho demandou um aprofundamento maior a respeito da realização da festa de *Katchituran* que significa *kebur de colegaosom* (colheita de um determinado grupo), que ocorre apenas uma vez por ano, na região de Caio na, Guiné-Bissau. A escolha desse tema deve-se primeiro, a pertença a essa etnia e a admiração que tenho por suas tradições e, segundo, por já ter escrito sobre esta cerimônia na minha defesa de TCC do Bacharelado em Humanidades. No entanto, este interesse se desdobra numa outra tarefa, a de dar a conhecer melhor as performances rituais guineenses, em particular da etnia Mandjaco que estão muito pouco estudadas.

O objetivo desse artigo é de contextualizar a cerimônia (festa) de *katchituran* e o papel de panos de *pinti* (pente) nessa comemoração festiva. Pretendo ainda seguir nessa linha de pesquisa, isto é, dar a continuidade nos estudos étnicos, seja, pelas pesquisas etnográficas, ação-participante ou empírica. Também o presente estudo visa analisar a origem da comemoração de katchituran e as suas demandas comemorativas no seu todo.

Tomamos em consideração que este trabalho foi feito a partir da diáspora e tivemos pouco acesso a fontes primárias. Ademais, muito pouco quase nada se

encontra disponível sobre este tema, em particular. Tomamos o método etnográfico como base da metodologia utilizada no presente artigo, que irá abranger uma dimensão qualitativa e empírica, pesquisas e diálogo realizado com um interlocutor privilegiado que já tomou parte no ritual. Também serão utilizadas fotografias que facilitarão enviadas pelo nosso interlocutor. Vale lembrar que este artigo não abrirá a mão das fontes orais, ou seja, a oralidade até então na sociedade Guineense e africana, nas suas tradições ainda permanece forte como descreve o autor abaixo:

Quando falamos de tradição em relação a história africana, referimo-nos a tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimento de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (SALIF, Tierno Bokar. 1957, p. 01)

Deste modo, observa-se até então a forte presença da tradição oral nas nossas sociedades de forma generativa, potencializando essa herança de modo geral e seguindo com os mesmos métodos de transmitir, isto é, de mestre a discípulo. Mas, apesar desses métodos do ensino ou a forma de passar os conhecimentos utilizados pelos povos africanos, não se restringe apenas nas fontes orais, mas também na escrita apesar de existir poucos registros. Por isso, se vê a necessidade da produção acadêmica dos africanos a fim de associar com mais intensidade as duas tradições oral e escrita, seja de seguir com as alterações culturais sem se perder com essa memória viva.

Vale destacar ainda o fato de que estas tradições podem ser pensadas enquanto patrimônio imaterial a ser estudado como destaca a autora na citação abaixo:

O Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, também chamado Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade é uma distinção criada em 1997 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura para a proteção e o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial, abrangendo as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em respeito da sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio imaterial: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições (Prisco, 2012, p.48).

Com base na citação, averigua-se a legitimidade do patrimônio oral ou imaterial da humanidade que ainda após a sua implantação vem legitimando os patrimônios de diferentes lugares, como salienta a autora, “a primeira lista de bens inscritos foi divulgada em 2001, seguida por outras duas, em 2003 e 2005, totalizando 90 bens imateriais inscritos”. Vale ressaltar que, não que seja necessariamente obrigatório que a cultura ou costume africano e de afrodescendentes precisassem da aprovação para serem transmitida, realizada ou cultuada, mas essa legitimação é mais afirmação.

Relativamente a estruturação metodológica deste trabalho, o artigo se encontra com uma breve introdução e na sequência um capítulo que será desenvolvido todas as informações obtidas e necessárias sobre a cerimônia (festa) de *katchituran* e o papel de panos de pinti nessa cerimônia.

O ritual, cerimônia de *katchituran* na cidade de Caio: o papel de panos de pinti nessa cerimônia

O presente artigo trata da realização do ritual e cerimônia de *Katchituran* e o papel de panos de *pinti* (estamparia) nessa cerimônia nas comunidades manjacas. Como dissemos, Caio é uma cidade da região de Cacheu na Guiné-Bissau, atravessada pelo rio Cacheu e tem sua capital na cidade de mesmo nome. Possui 192.508 habitantes, de acordo com os dados levantados em 2009 conforme o instituto nacional de estatística (INE), o que correspondente a 13,3% da população do país. O setor de Caio está situado a 28 km de Cantchungo, com 664,3 km², é a sede administrativa do sector, composto pelas *tabankas*¹(povoações) de: Batchou, Tubébe, Bulabate, Bissoi, Tumambú, Dikantanhe, e Caiomete, da etnia manjaca. Nestas localidades encontramos diferentes festividades tais como: *Cacau*, *Katchituran*, *Cauet-puboman*, e *Cansaré*, que são realizados em diferentes períodos do ano.

O ritual ou cerimônia de *Katchituran*, como uma das comemorações realizadas no setor de Caio, constitui um dos diferentes tipos de rituais com vestuários específicos em que encontramos as estamparias denominadas de panos de pinti, que inclui variações de um lugar para o outro. O nome *Katchituran* significa *kebur de colegaosom* (colheita de um determinado grupo), este grupo é composto de jovens incluindo meninos e meninas que pertencem ao mesmo grupo etário. A *colegasom*, na etnia manjaca, é fundamental para as realizações coletiva da comunidade, como descreve a autora na citação abaixo:

É correto afirmar que Colegassom é uma forma de organização étnica e comunitária, na qual há a divisão de tarefas e de papéis sociais e de gênero. Assim, os membros da Colegassom se juntam para fazer trabalhos na tabanca, de igual modo se juntam para festejar usando seus panos de pinti (pente). No entanto, tudo é antecedido sempre pelas reuniões do grupo, nas quais eles/elas escolhem um dia para realizar esse evento que não é apenas um simples encontro; mas sim um momento comunitário e de base ancestral para divertir, dançar, comer e beber...Mas essas coletividades não são apenas para realização das festas; como já tinha citado na página anterior, mas também para ensinar aos seus membros a melhor convivência na sociedade. Para atingir os objetivos de socialização da memória coletiva, o grupo adota o método das contribuições de cada membro (abota), na qual os valores são estipulados e os prazos de pagamentos são determinados. (JALÓ, 2016, p.24)

¹ A palavra *tabankas* para os guineenses cuja um significado único (povoações). Ao passo que para outros países de CPLP – comunidade dos países de língua portuguesa, essa palavra é atribuída a um outro significado.

Conforme a citação, se percebe que a cerimônia de katchituran além de ser um ritual de passagem, também é realizada pelos grupos com a finalidade de competições e exibições. Katchuturan é uma festa que se realiza só uma vez por ano. Ela é feita, no mês de dezembro, em Caió e Djeta. Por sua vez, a Colegassom se realiza na etnia manjaco em geral, em qualquer lugar onde tem um elevado número de pessoas componentes desse grupo étnico. Essas festas são meios pelos quais os panos de pinti são apresentados; isto é, o seu uso passa a ter valor social, comunitário e, na mesma ordem, a valorização do modo pelo qual os processos de confecção são feitos e depois materializados nas festas. É assim que o katchuturan também se constitui em festa que têm por finalidade apresentar os vestuários que são os panos de pinti e de os receber como presentes.

Katchuturan é uma manifestação cultural dos Manjacos de Caió e Djeta, feita pelos jovens na “tumba”, local de encontro destes jovens com a finalidade de realizar rituais sobre a vida de Uran Colegassom o Mandjuandadi². Vale salientar que Katchituran também é um ritual de passagem sagrada.

A cerimônia “Katchituran” é realizada no inverno e no período da nova colheita de arroz. O anúncio para a realização desta manifestação é feito através do responsável ou representante daqueles jovens, que é escolhido por meio de um sufrágio eleitoral. Sendo assim, depois do anúncio, todos os jovens vão para a tumba com intuito de saber se pode ou não participar da manifestação, que é dita através de “Kabopa”³ que desempenha função semelhante com os oráculos do mundo helênico, tal como na figura 1, a comemoração com Kabopa (entidade protetora da comunidade).

² Mandjuandade é um grupo das pessoas incluindo mulheres e homens da mesma faixa etária, atualmente não só. Que segundo autora ODETE SEMEDO, (2010, pg.143), “As coletividades eram, e são dotadas de claras regras de funcionamento, de normas que devem ser respeitadas e seguidas por todos. A ordem que se verifica nas *mandjuandade* deve-se, também, ao espírito de solidariedade e de disciplina reconhecidas nas atitudes dos seus dirigentes”. Sendo esses cabeças da coletividade, eles e elas são escolhidos, a rigor, entre pessoas que reúnem o consenso do grupo. Assim, nas *mandjuandade* encontram-se quatro categorias: a dos que pertencem à direção, formada pelo rei, pela rainha, pelas meirinha macho e meirinha fêmea, como é denominado em crioulo guineense. Há a categoria de cordeiro que pode ter seu auxiliar, a categoria de soldado e uma categoria muito importante, adas cantadeiras.

³Kabopa desempenha mesmo função como um Oraculo. É o lugar na comunidade “Caio” onde as pessoas recorem para esclarecer algumas dúvidas como; saber do futuro, proteger a comunidade, e ainda desempenha muitas outras funções.



Figura 1: Dia de comemoração com Kabopa, a entidade sagrada.

Fonte: Eduilson Carlos Mendes

Vale ressaltar que todos os jovens esperam poder participar nas competições, mas nem todos podem devido as previsões feitas pelo Canssaré⁴, evitando futuros riscos misteriosos previstos. Também existe os publicitários (esses que saem nas tabancas anunciando quem serão os participantes selecionados), desempenham suas funções que são chamados pela comunidade de mandíga que também exigem suas remunerações dependendo de cada um. O interesse dos jovens para participar nesta cerimônia se compara a um ritual de passagem, de modo que cada um desses jovens pertencentes a essa cultura e sistema linguísticos sentem a necessidade de vivenciar ou estar presente nas disputas durante os dias da festa. Por outro lado, toda essa comemoração se origina da cultura e a cultura orienta ações humanas, como descreve o autor na citação abaixo:

A cultura é um sistema simbólico orientador das ações humanas. Foi a nossa capacidade de simbolizar a experiência vivida que nos diferenciou das outras espécies. Os objetos empíricos, sons, gestos, rituais, instrumentos de trabalho, alimentos, não são apenas respostas às nossas necessidades básicas, eles comunicam mensagens, possibilitam interações entre pessoas. A cultura funciona em uma comunidade humana de maneira análoga ao sistema linguístico. Enquanto conjunto de expressões sonoras, vocalizadas, a língua é decodificável apenas pela comunidade de fala. Da mesma forma, as ações humanas orientam-se pelos códigos informados pela cultura (DA SILVA, 2013, p.01).

⁴ O *Canssaré* (nome coletivo) é uma entidade que fica numa cabana específica (em cada tabanca cada canssaré tem o seu nome específico), por exemplo, Kabopa representado na figura 1. Ele tem o formato de cama com quatro paus, que são utilizados como alça para carregar *Canssaré*. Ele é coberto de panos. *Canssaré* tem por função desvendar os acorridos nas tabancas e não só.

Nesse seguimento, a própria etnia Mandjacu (manjaca) e não só, são representados por esse sistema linguístico que os diferencia uns dos outros, mas também que os proporcionam as habilidades específicas diferenciadas tanto interno como externo criado nas suas comunidades que os representam, em outras palavras como menciona o autor, “Os suportes empíricos da cultura, roupas, anéis, brincos, pulseiras, amuletos, são facilmente observáveis, mas os sentidos que transmitem não podem ser apreendidos diretamente, é preciso, situá-los no universo da cultura” (DA SILVA, 2013).

É relevante situar o/a leitor/a o sentido do ritual numa comunidade, a sua influência a meio social. Normalmente, os rituais realizados nas nossas comunidades, sempre se baseia a um rito sagrado, de modo que nos trará algum benefício ou resolução de problema e até uma comemoração apreciativa. Conforme o Stanley Tambiah apud Mariza Peirano (2003, p.9), *“O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios”*. Ainda em seguida, o autor frisa que *“estas sequências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)”*.

O ritual como sendo uma manifestação notável das nossas comunidades, as suas influências são significativas e vantajosa, o motivo pelo qual estaremos preservando e seguindo com os ritos feitos pelos nossos ancestrais. Por outro lado, de uma forma sucinta, a autora Mariza Peirano (2003, p.8), enfatiza que, *“ao invés de nos fixarmos nos critérios (ocidentais) de racionalidade, procuraremos seguir critérios de criatividade e eficácia. Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais”*. Normalmente, pela norma ritualística, os rituais apresentam as fases e períodos de suas realizações como no caso de Katchituran. Por isso, posso concordar com o autor mencionado pela Peirano, o Gluckman que destacou que, *“os ritos de passagem dizem respeito à transição de posições, status e papéis”*.

Existem três motivos principais na avaliação dessa competição dos Manjacos de Caió na realização desse ritual ou manifestação cultural: o primeiro motivo é para saber entre aqueles jovens, quem tem mais estrutura física para enfrentar o frio, isso inclui tanto meninos como meninas, porque durante a cerimônia é jogada muita água em cima das pessoas que estão na realização dos rituais, águas que vem de diferentes comunidades vizinhas e da própria tabanca. O segundo motivo é para exaltar o valor da representação de uma geração. Para realizar o intento, então, é construída uma vassoura, que tradicionalmente vigora até os dias atuais como instrumento de limpeza na Guiné-Bissau. Ela é construída com as folhas de palmeiras ou coqueiro. A vassoura não só serve para limpeza como também em algumas cerimônias sagradas e não só nas da etnia manjaca mas sim em outras etnias.



Figura 2: Vassoura (Bassora) é um instrumento tradicional Guineense utilizado na limpeza tanto dentro da casa como fora e também é utilizado em algumas cerimônias. Fonte: Mahawa Nobá

É fundamental destacar um pouco a função da vassoura em outras cerimônias, como por exemplo, no processo de *mandje*⁵ (pedido de punição ao culpado, cerimônia realizada pela pessoa que foi roubada ou que perdeu filho ou familiares mais próximos), a cerimônia é realizado na Iran, a entidade da comunidade que desempenha várias funções, como se segue abaixo:

Todos esses *Irans* citados são espíritos sagrados. Cada Iran pertence a um lugar que cuida e protege. Além de cuidar e proteger, Iran cumpre o papel de punir aqueles e aquelas que não são responsáveis no que tange às suas obrigações. Muitas vezes as obrigações têm relação com a oferta ou os enfeites feitos com os panos. Numa síntese, há uma relação de energia; a pessoa chega ao *Iran* faz os seus pedidos e promessas e, em seguida, o seu pedido se realiza, ou seja, a troca de energia se materializa. Quando ocorre a troca; a realização do pedido, imediatamente essa pessoa tem que voltar para agradecer e cumprir a sua promessa como foi combinado; caso contrário o *Iran* punirá essa pessoa. (JALÓ, 2016, p.43)

Portanto, o Iran como sendo a entidade máxima da comunidade, é essencial sintonizar o leitor que o nome Iran é apenas um nome comum de todas as entidades sobrenaturais de todas as etnias da Guiné-Bissau. Vale ressaltar que todas essas entidades cada uma delas tem o nome específico, como por exemplo, que define os participantes de Katchituran é Kabopa. Por outro lado, como descreve no outro trabalho, (2016, p.47) Essas entidades garantem as proteções, saberes e conhecimentos, e ainda ajudam a manter a tradição, de geração em geração, na medida que possibilitam o entrelaçamento de ritos e de objetos sagrados para garantir o fluxo de energia vital e comunitária.

A vassoura é, a rigor, uma forma de enaltecer o poder do seu representante ou presidente do grupo. Outro processo é feito a partir da participação das meninas da comunidade. Elas fazem uma contribuição, uma “cota” (vaquinha) em

⁵ JALÓ (2016, p.50) “Nas aldeias, os espíritos sagrados têm como uma das suas funções mais significativas proporcionar resoluções de conflitos. Os métodos usados pelos *Irans* são reconhecidos e presentes nas comunidades, fato comum na sociedade Guineense. Isto é, há um saber que tem o seu lugar nas manifestações culturais. O Iran não só protege como também pune os que não cumprem com as obrigações e os que roubam algo que é protegido por ele (essa pratica se chama *mandji*).

dinheiro, respeitando o valor fixado pelo líder da colegasom e esse dinheiro é recolhido no dia em que a vassoura é enfeitada de várias cordas de diferentes cores. O montante arrecadado; o dinheiro, vai para o bolso do próprio representante da Geração, ali que ele se beneficia. O terceiro e último motivo prende-se à criação de um incentivo para os homens de propaganda, “Undigas na língua manjaca”.

Uma comida denominada de “kakomb” é preparada com farinha e banana e funciona como incentivo para eles. Depois da escolha da Kabopa ou Cansaré de homens e mulheres que vão participar na cerimônia, cada jovem leva a notícia para família; dando conta da sua participação na manifestação de Katchituram. Por outro lado, toda a família fica feliz e agradecida com a participação do filho ou da filha na manifestação cultural para a valorização da cultura deixada pelos seus antepassados. Depois inicia-se uma nova etapa de junção de panos de pinti (pente), os cobertores, contas para o enfeite, óculos para os olhos que vão suprimir a quantidade de água que vai ser lançadas durante a atividade. O corpo é coberto com (*siti*) óleo de dendê, que é passado para a proteção contra a água e o frio.



Figura 3: Meninas vestidas para participar de dança (por trás) - Fonte: Edilson Carlos Mendes



Figura 4: Meninas vestidas para participar de na dança (pela frente) - Fonte: Eduilson Carlos Mendes

É relevante destacar a questão dos vestuários, antigamente, ou seja, até recentemente no ano 2010, durante as comemorações como se observa na figura 4 as meninas não usavam nada, isto é, nenhuma roupa íntima para cobrir os seios devido a rigurosidade do comprimento da tradição, mas nos dias atuais se observa uma mudança a respeito, como mostra a figura 5, atualmente a meninas se usam diferentes modelos de roupa íntima para cobrir os seios.

No que se trata da questão da vestimenta, isto é, a exposição do corpo, expressam-se a arte da cultura, as suas demandas culturais, ou seja, seguindo com as normas dos costumes herdadas dos seus ancestrais. Posto isso, é dessa forma que as comunidades se criam e mantem as suas artes estéticas variando de um lugar para outro, de uma cultura para outra, expressando as suas riquezas culturais acompanhadas das suas religiosidades. Por outro lado, de modo semelhante, enfatiza a autora HANAYRÁ PEREIRA a respeito das vestimentas dos Afro-brasileiros nas suas comunidades:

Expandindo mais o dialogo a arte afro-brasileira, podemos achar uma conexão entre a arte, a religião negra e a indumentaria, que também pode ser considerada como arte do

vestir. [...] as vestimentas também possa ser encaradas como aspecto de arte ritual, pois é através das criações, combinações de textura, cores, tecidos e diversos materiais que essas peças são confeccionadas. [...] o corpo apareça aqui novamente, agora como território tanto para manifestações das memórias negras, atravessadas pelo Atlântico, quanto para estéticas criadas no Novo Mundo, derivadas de tais memórias, dos entre-lugares criados e dos saberes que aqui se consolidaram. A vestimenta e os ornatos do corpo, usados no terreiro de candomblés, podem ser evidenciados como peças que ao mesmo tempo cumprem a função do ritual e de adornar o corpo (PEREIRA, 2017, p.122-124).

Confere-se que, as vestimentas não só podem ser consideradas ou vistas como arte ritual como também forma de cultura e até dos regimentos culturais dos rituais de passagem, da mesma forma que segundo Van Gennep (1909) apud Peirano (2003), “Ritos de passagem eram definidos como aqueles momentos relativos à mudança e à transição (de pessoas e grupos sociais) para novas etapas de vida e de status”, que é o caso da cerimônia de Katchituran, confere na figura 5.



Figura 5: Meninas durante as apresentações - Fonte: Eduilson Carlos Mendes

Na cerimônia de Katchituran, o aspecto feminino mostra que as mulheres usam as roupas com certa simplicidade, dando um valor especial para panos simples e de uso banal, cotidiano. O arranjo é tudo neste caso; as mulheres jovens que irão para competição passam nos quadris as bandas (banda é uma parte de pano de pinti, um pano normal de pinti é composto por seis bandas) e complementam a estética com colares e contas. Elas usam essa banda que

cobrirá apenas parte de frente do corpo por baixo e usam bustos na perna. Nos dias normais de Colegassom as mulheres cingem os panos completos no quadril com sindjadura⁶ e usam camisa de soca ou ropom, o mesmo acontece com as meninas que durante essa comemoração estarão nas plateias compõem do mesmo jeito do dia de colegassom o igual para os meninos.

Vale frisar que o pano de pinti como uma das peças mais fundamentais nessa cerimônia, nela que são tiradas as bandas utilizadas pelas meninas, essas que não são qualquer pano nem banda de qualquer cor. Por outro lado, os públicos telespectadores acompanhantes podem ou usam qualquer tipo de pano. Como elemento precioso da etnia, os próprios manjacos os produzem, segue na citação abaixo:

O pano de pente é didático a respeito dessa realidade o é igualmente o papel dos diferentes sistemas técnicos usados para confeccionar os tecidos. O pano de pente, como uma banda larga, é produzido no tear tradicional. Depois de pronto o pano, numa peça ainda indiferenciada, o tecelão o corta em tiras de um metro e vinte centímetros, que a cada seis bandas constituem um pano. Feita esta etapa masculina, as bandas vão para as mãos femininas que, com maestria, técnica e habilidade, costuram as camatchas, isto é, as rendas entre as bandas. Vale destacar que o papel masculino e o feminino são distintos, ficando às mãos femininas a tarefa de acabamento. É a partir do uso e das técnicas que encontramos os significados dos panos (JALÓ,2016, p.17).

No entanto, esses panos de pinti de diferentes tipos, cores e tamanhos que são utilizados todas as cerimônias, comemorações, e entre outras realizações, que é o caso de Katchit uran principalmente na sua premiação.

Ainda, no que toca ao representante de *mandjuandade*, é construída “*Untadju*” ou barraca coberta de *panos de pinte*. Esta construção é feita pelos próprios jovens, que fazem parte da *mandjuandade*. *Igualmente e com* antecedência eles avisam o presidente, a pessoa escolhida, sobre a data e a hora em que será realizada a construção da referida barraca. Os manifestantes e o padrinho, acompanhados com cinco litros do vinho de palma, fazem a alugação de couro de vaca que é denominado de “*Upam*”⁷, a sua alugação é feita por três dias com cinco litros do vinho de palma (que é extraído de palmeira) para entrada e cinco para retorno da mesma.

⁶ Sindjadura é um instrumento usado pelas mulheres e é feito de linhas.

⁷ Upam é o corro de boi que é usado por concorrente e também serve de veste.

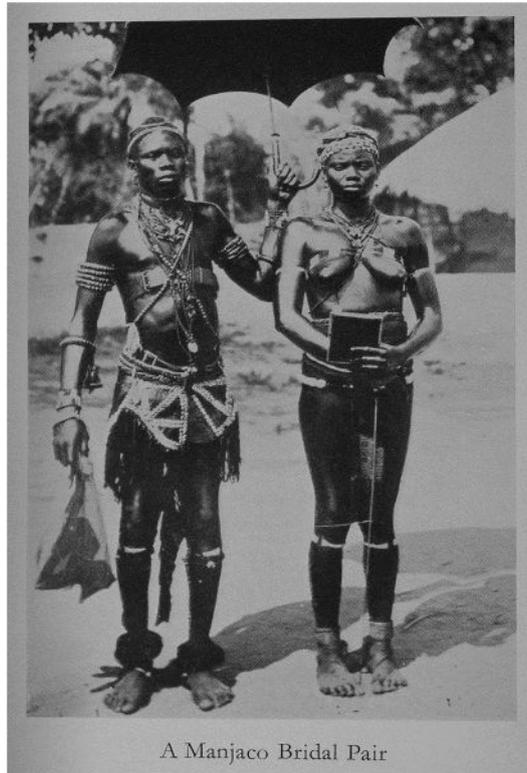


Figura 6: Barraca coberta de panos (Untadju). - Fonte: Eduilson Carlos Mendes

A família, segundo a tradição, informa para os outros familiares sobre a sua participação na manifestação cultural, pedindo muitos *panos de pente* que serão usados durante todo o evento. O participante precisará trocar os panos todos os dias e; para o enfeite da rua, o uso dos panos vai servir de informe para as pessoas sobre a sua participação no evento. É relevante destacar que entre todos os panos produzidos pelos manjacos, o pano marcado é a mais valiosa para as mulheres e é utilizado apenas nas ocasiões especiais, refiro o pano usado pela menina na **figura 6**. Esses panos são marcados pelas mãos das mulheres manjacos (mandjacus) das seguintes formas, primeiramente elas pegam bandas brancas, nessas bandas que elas vão fazendo os seus desenhos manualmente, e cada um desses desenhos tem o seu significado.

Durante o evento é feita uma fila em que o menino fica à frente das meninas, ele segura na mão direita um objeto denominado de “puntam”⁸, na mão esquerda o menino seguro um guarda-chuva e porta um apito na boca. Também o competidor conta muito com a participação dos seus familiares, porque cada família vai para apoiar o membro que está concorrendo. A participação da família é fundamental, porque a partir daí as pessoas da comunidade vão descobrir se o competidor é bem-visto como uma pessoa exemplar no seio da sua família ou pelo contrário será descoberta a sua má conduta na família.

⁸ Puntam é cauda de boi que é frequente o seu uso nas cerimônias tradicionais e principalmente de tokadjur (é o ritual de culto para os mortos).



A Manjaco Bridal Pair

Figura 7: Fila de dança dos meninos e das meninas nas ruas acompanhadas dos pelos familiares. A segunda foto mostra dois participantes (de tempos mais antigo) prontos para o ritual.
- Fonte: Eduilson Carlos Mendes

A manifestação do evento é feita durante três dias. Depois os manifestantes terão descanso de um dia. Na sequência e na volta a ação é feita na porta da família, que repassa os

presentes dos familiares pela sua participação e o enaltece em nome da família. A coordenação desta atividade é feita na “Tumba” onde são feitos os relatórios sobre os três dias de atividades.

Para concluir, não é demais informar que, além dos panos de pinti, nessa etnia existe uma grande variedade de panos. As funções, os usos e as técnicas empregadas para a confecção são muito importantes; mas todas as questões levantadas aqui são dinamizadas pelo uso nos espaços cotidianos e nos momentos de passagem e de iniciação. É o caso do uso dado aos panos, por exemplo, nas diferentes circunstâncias da vida comunitária e especialmente na morte e no casamento, nos funerais, nas cerimônias de *tokatchur*, como desenvolve no capítulo dois da minha monografia cuja o título “A Presença das Estamparias (panos de pinti) na etnia Manjaco (*Mandjacu*)”. Ainda e entre outras ocasiões festivas, há o uso do pano marcado, que é um dos panos mais importante para os manjacos neste caso, o pano marcado é um elemento de uso exclusivo ou de identificação dessa etnia; podemos afirmar que é um pano que revela os manjacos. Por fim, quero enfatizar, a partir de uma citação, a questão do uso, central para o meu estudo. Como o uso é o ponto que interessa: “são simples panos de vestir nas festas, mas também são utilizados de vez em quando nos funerais, depende da possibilidade econômica de cada família” (manjacos) (PANARIA, 2016).

Entretanto, como já tinha aprofundado as descrições e saberes sobre os panos de pinti e suas classificações nas comunidades manjacas no trabalho anterior, elas/eles e principalmente elas reservam os panos ricos para ocasiões especiais tais como para o casamento, cerimônias e principalmente para mortalha (vestimentas dos mortos). As mulheres manjacos sempre preparam suas malas, nas quais colocam tudo que é necessário para ter um funeral digno. Há circunstâncias nas quais esses panos de pente são usados de lençóis, mas o uso mais frequente é de cobertor; e os panos que são usados como cobertor são os lançados, isto é, os mais simples e leves. É de mera importância acentuar as variações dos panos, seja, quanto mais pesado e bandas largas mais valiosos serão e esses panos são denominados, como se segue na citação internet (2016) apud Jaló (2016, p.18)

“pano marcado, pano pesado, pano tindjido, pano preto, mafé de catchur (molho de cão), lankom (é o maior de todos que chega a ter dez ou dose bandas), costa de lagarto (costa de crocodilo), pano-letra, baba-cacheu, baba-antigo, Oudju de baka (olho de vaca), nkontcha, Iran-cego (jibóia), baguera (abelha), lanceado (é aqueles panos mais pesados), nbanhala (são bandas de diferentes panos que no final o tecelão junta um de cada e forma um pano), e entre outras.” (Panos revelam costumes da Guiné-Bissau, internet, 11/04/2016).

Por conseguinte, confere-se os valores das premiações dos jovens participantes do evento com esses diferentes tipos de panos, ou seja, por mais que seja de qualidade diferente, mas todos serão presenteados de panos de pinti.

Considerações finais

Ao logo desse trabalho, tentei mostrar de modo mais eficaz os procedimentos utilizados para realização da comemoração dessa cerimônia pertencente aos manjacos (mandjacus) de Caio. Identifiquei o valor desse ritual nessa comunidade e como os seus participantes se engajam nas resoluções de suas tarefas e concorrências.

De modo introdutória, busquei situar o/a leitor/a a origem desse ritual, onde é realizado, para que e quem são os seus públicos alvo e principalmente o período em que é realizado, ou seja, contextualizando a cerimônia de Katchituran de modo geral e a sua relação o pano de pinti (pano de pente). Portanto, no decorrer do trabalho, demostrei a agitação dos jovens participantes, as suas seleções feitas pelo Cabopa, prevendo que pode ou não participar, as tarefas dadas pelo responsável do grupo e as cotas feitas pelas meninas, as barracas construídas pelos meninos e os pagos pela alugação de *Upam*, os três dias importantes do evento e os trajes completos dos participantes e dos seus telespectadores.

Vale salientar que tendo como um dos elementos mais importante desse ritual que é os panos de pinti, enfatizei muito a seu respeito, de modo que, vim trazendo átona os seus valores tanto culturais como econômico, as suas variações como de tamanho, cor, peso e outros. Posto isso, é de mera importância afirmar que o pano de pinte atualmente o seu valor de uso não se restringe apenas a etnia manjaco, mas para todas as etnias da Guiné-Bissau, isto é, nada mais que o patrimônio cultural guineense. Escrever sobre cultura é realizar uma paixão e principalmente quando se trata da minha própria cultura. Também, escrever sobre cultura considero como um ato de registro ou conservação da tradição e não que seja o único jeito.

Tendo como um dos elementos importantes na sociedade guineense utilizamos e que não importamos, me sinto orgulhosa de deixar tudo registrado, isto é, levar esse conhecimento tradicional ao público, como de elogiar os acabamentos feitos pelas mulheres manjacos nos panos de pinti (pente) marcado (os bordados). Desta forma, aproveito para homenagear minha mãe biológica que era uma dessas mulheres que realizavam esses trabalhos, fazia de tudo, como camatcha entre as bandas (renda), diferentes desenhos nas bandas manualmente, e entre outras tarefas, e ela é o motivo principal da minha dedicação e de aprofundar o conhecimento sobre a etnia manjaco e as tradições culturais.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Casa das Áfricas; Palas; Athena, 2003.
- JALÓ, Tânia Correia. **A presença das estamparias (panos de pente) na etnia Manjaco**. (UNILAB) Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Bahia/ São Francisco do Conde – 57, 2016.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. Ciência Sociais – Passo – A – Passo. 2003.
- PEREIRA, Hanayrá Negreiros Oliveira. **O axé nas roupas: Indumentária e memória negra no Candomblé angola do redandá**. PUC/São Paulo, 2017.
- PRISCO, Carmen S., Yá comendadora. **As religiões de matriz africana e a escola: guardiãs da Herança cultural, memória e tradição africana**. Praia Grande, SP. 2012.
- ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A narrativa africana de expressão oral: transcrita em português**. Lisboa; Luanda: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Angolê, 1989.
- SEMEDO, Maria Odete. **As mandjuandadi : cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**. Belo horizonte, 2010.